

EDUCAR PARA A

Ecologia

INTEGRAL



FREI OTON DA SILVA ARAÚJO JÚNIOR, OFM

EDUCAR PARA A
Ecologia
INTEGRAL

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, OFM

Doutor em Teologia Moral

Diretor Pedagógico do Colégio Santo Antônio,
em Belo Horizonte, MG

Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional

Vice-presidente do Instituto Ecoagente

freioton@gmail.com

261.88

A663e Araújo Júnior, Frei Oton da Silva, OFM

Educar para a ecologia integral / Frei Oton da
Silva Araújo Júnior, OFM. – Belo Horizonte: Gráfica
do Colégio Santo Antônio, 2025.

24 p. : il.

ISBN 978-65-999256-8-9

1. Campanha da fraternidade 2025. 2. Ecologia.
I. Título.

CDD 261.88



“A educação é a base da Ecologia Integral e nos apresenta o futuro, que deve ser sustentável e inclusivo” (Cardeal Pedro Barreto, vice-presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica).

A Campanha da Fraternidade de 2025, ao propor como tema a Ecologia Integral, lança luzes em diversas dimensões da vida, desde os níveis pessoais, passando pelas ações comunitárias, até as questões da macroeconomia global. Se em décadas passadas o tema ecológico alertava para hipóteses remotas, os efeitos das mudanças climáticas estão visíveis a olhos nus, em diversas regiões do mundo, inclusive no Brasil. Considerar o recorte da educação nesse cenário nos faz considerá-la para além da sala de aula e da idade escolar. Essa deve ser uma preocupação coletiva, que seja capaz de mobilizar todas as pessoas, afinal, é preciso nos reeducar em nossa relação com o ambiente, no cuidado da vida na Terra e das relações humanas que cultivamos. Se por muito tempo o ser humano se viu como alguém fora da natureza, considerando-a como objeto de seus desejos, hoje a tarefa é fazê-lo sentir-se pertencente a todo o ambiente, convocando-o ao cuidado e a uma nova sensibilidade pelas realidades humanas e da natureza.



PARA ALÉM DAS PALAVRAS

Nossa primeira reflexão aborda o uso das palavras. Não é incomum que, de tempos em tempos, certas expressões ganhem destaque, tornem-se amplamente utilizadas, até se desgastarem. No contexto eclesial, por exemplo, o Documento de Aparecida (2007) introduziu a expressão “discípulos missionários”, que passou a ser recorrente em diferentes contextos da Igreja. Durante o pontificado do Papa Francisco, temos também as expressões “Igreja em saída” (*Evangelii Gaudium*, n. 20) e “pastores com cheiro de ovelhas”, bem como o verbo “primeirar”, entre outras. Com o Sínodo, há pouco concluído, a palavra “sinodal” ganhou os holofotes e passou a ser mencionada em todos os ambientes eclesiais.

Na sociedade em geral, outro termo muito utilizado é “sustentável”. Todas as ações, mesmo que sejam ambientalmente predatórias, ao lançarem mão da palavra “sustentável” já recebem um aval positivo. Essa expressão é utilizada, inclusive, nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS, 2015), emanado da Conferência de Estocolmo de 1972. A noção de desenvolvimento sustentável está assentada em uma racionalidade econômica, sacrificando muitas vezes o meio ambiente em nome da prevalência das relações de mercado (Cervi e Hahn, 2017, p. 162). Tal proposta, para ser efetiva,



deve se basear em três pilares: ser ambientalmente responsável, socialmente justa e economicamente viável. O foco deve ser a preservação ambiental e a justiça social, garantindo equilíbrio para as futuras gerações (Milanez, 2015).

Neste universo das palavras, nos deparamos também com algumas redundâncias, que visam corrigir distorções históricas, como em “humanismo solidário”, nomenclatura proposta pela Congregação para a Educação Católica (atual Dicastério para a Cultura e a Educação), e também na expressão “Ecologia Integral”. A redundância nesse caso se dá por que o entendimento de ecologia em seus inícios já previa a interconexão dos elementos naturais, humanos e sociais. Em 1866, Ernst Hæckel definiu ecologia como sendo “o estudo do ambiente natural, inclusive das relações dos organismos entre si e com seus arredores” ou ainda como “o estudo científico da distribuição e abundância de organismos e das interações que determinam a distribuição e abundância” (UFPEL, 2015). *Laudato si'*, na mesma linha, enfoca que “a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isso exige considerar as condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo” (*Laudato si'*, n. 138). No entanto, com o tempo, a ideia de ecologia passou



a ficar restrita ao ambiente das plantas, animais e minerais, sem incluir o ser humano.

Outras áreas do saber certamente também irão reconhecer suas redundâncias linguísticas, que visam resgatar um sentido original que se perdeu ou ficou desfocado com o passar do tempo.

Portanto, utilizar as palavras sem o efeito real nos deixa numa demagogia estéril. Faz-se necessário resgatar o sentido original das expressões, a fim de redescobrir sua força e suas consequências práticas.

UMA ECOLOGIA QUE INTEGRA

O adjetivo “integral” possui diversos significados interligados. Na saúde, refere-se a alimentos que mantêm suas propriedades originais, sem sofrer alterações ou remoções de nutrientes. Em relação à arte e à literatura, “integral” significa uma obra completa, sem censuras ou cortes. No campo das ideias, uma visão integral considera diferentes pontos de vista de forma articulada e respeitosa. Eticamente, “íntegro” descreve uma pessoa sincera, que se mantém fiel a suas convicções e resiste à corrupção. Por sua vez, o verbo “integrar” envolve unir ou compor algo separado, e “integrar-se” significa passar a fazer parte de um grupo. Assim, o termo “integral” abrange conceitos como completude, saúde, ética, comunidade e pluralidade.



Ele se opõe ao que é parcial ou restrito (cf. Murad, 2022, p. 112-113).

Na encíclica *Laudato si'* (2015), Papa Francisco denuncia a fragmentação do conhecimento ao se separar a realidade social da ambiental, ignorando a interdependência entre ambas. Ele afirma: “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, integrando justiça, o clamor da terra e dos pobres” (n. 49). A fragmentação do saber, diz o Papa, “realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado” (n. 110).

O refrão que Francisco repete por várias vezes é “tudo está interligado” (*Laudato si'*, n. 16, 42, 91, 111, 117, 138, 240), indicando que a ecologia não se relaciona somente ao ambiente da fauna e flora, dissociado das relações humanas. O que deve ser considerado é uma ecologia que integra a todos: as relações humano-natureza e as relações humanas entre si.

O contrário de integração é a exclusão, o descarte, a falta de estima pelo outro, o não fazer parte de uma realidade. A ecologia visa considerar todas as realidades humanas e o modo como a sociedade reconhece a dignidade humana e seus direitos. No atual modelo econômico, no entanto, tudo é visto



pelas leis do mercado e passa a ser mercadoria, baseado no consumo, no descarte, na ostentação. Porém, alerta o Papa: “O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. [...] O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do derrame ou do gotejamento — sem a nomear — como única via para resolver os problemas sociais” (*Fratelli Tutti*, n. 168).

A integração não se restringe às pessoas individualmente, mas a todo o seu saber ancestral, sua história e tradições, diferentes visões de mundo, afinal, todos somos chamados a contribuir com as questões de nossa Casa Comum. A Ecologia Integral reconhece o papel de cada cultura, com suas riquezas e tradições, ao contrário de uma visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada, que tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, tesouro da humanidade (cf. *Laudato si'*, n. 143-146).

Para tudo isso, o ser humano há de considerar-se natureza, pois, numa visão fragmentada, este se vê como alguém à parte, o que lhe permite instrumentalizar o seu entorno, desfrutar de maneira irresponsável do ambiente.

Nesse sentido, Edgar Morin, conhecido pensador francês, insiste na visão sistêmica dos processos



sociais e ambientais. Para ele, não podemos nos limitar a dominar, mas a condicionar, a melhorar, a compreender, de modo a inscrever em nós: a consciência antropológica, que reconhece a unidade na diversidade; a consciência ecológica de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera); a consciência cívica terrena, isto é, da responsabilidade e da solidariedade para com os filhos da Terra; e a consciência espiritual da condição humana, que decorre do exercício complexo do pensamento e que nos permite, ao mesmo tempo, criticar-nos mutuamente, auto-criticar-nos e compreender-nos mutuamente (cf. Morin, 2011, p. 66).

A expressão “Ecologia Integral” vai além de uma ferramenta analítica usada para explicar fenômenos naturais ou humanos. Ela também se configura como uma categoria de compreensão, que implica não só em explicar, mas também em compreender os fenômenos. Dessa forma, a Ecologia Integral funciona de duas maneiras: analítica, ao despertar uma consciência gnosiológica que busca verdades por meio da análise dos fenômenos; e como hermenêutica, ao fomentar uma consciência ético-moral que pode transformar valores, atitudes e comportamentos, promovendo uma integração mais profunda com o mundo (cf. Cervi e Hahn, 2017, p. 150).



A RELAÇÃO ENTRE O MICRO E O MACRO

Uma justa consideração das questões socioambientais deverá ter em conta uma dupla dimensão, sendo as duas complementares entre si. Num primeiro nível, estão as ações *micro*, que envolvem as ações cotidianas, o que, no nosso caso, referem-se ao chão da escola (o descarte correto do lixo, o gerenciamento de energia, o cuidado com o desperdício, o zelo pelas plantas, entre tantas outras ações). Essas ações são fundamentais, pois despertam nos sujeitos a responsabilidade pelo cuidado, como ressalta Francisco: “É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida” (*Laudato si'*, n. 211). E, na exortação *Laudate Deum*, Francisco complementa: “O simples fato de mudar os hábitos pessoais, familiares e comunitários alimenta a preocupação pelas responsabilidades não cumpridas pelos setores políticos e a indignação contra o desinteresse dos poderosos” (n. 70).

No entanto, a complexidade das questões não permite limitar as ações ao nível cotidiano, devendo-se considerar o nível *macro*, que envolve a macropolítica e a macroeconomia, indicando, assim, o vínculo indissociável entre a eco-logia e a eco-nomia. Daí se percebe, por exemplo, a importância e o desafio das Conferências do Clima, que buscam alinhar as



ações sobre a emissão de gases de efeito estufa, os quais interferem diretamente na questão climática. Os grandes impasses das COPs (*Conference of the Parties: Conferência das Partes*) esbarram nos critérios econômicos, uma vez que desafiam os países a reverem seus métodos e metas de produção e de emissões de gases de efeito estufa.

Em 2023, às vésperas da Conferência do Clima em Dubai (COP28), o Papa Francisco se manifestou por meio da Exortação Apostólica *Laudate Deum*, com a qual convidou os países a considerar a gravidade da questão climática. Ele deixou o seguinte questionamento aos líderes globais: “Para que se quer preservar hoje um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário fazê-lo?” (*Laudate Deum*, n. 60).

Em 2025, o Brasil sediará a COP30, em Belém. Para o climatologista Carlos Nobre, “a COP30 será a mais desafiadora da história. As COPs de Paris ou Glasgow foram ótimas, mas agora, em razão da emergência climática estar explodindo, a COP30 tem de zerar emissões muito antes de 2050”. Atualmente, as metas para 2030 não são suficientes para limitar o aquecimento global a 1,5°C, conforme estabelecido pelo Acordo de Paris. Sem a adoção de ações mais ambiciosas e bem implementadas, limitar o aquecimento global a 1,5° C pode se tornar impossível, levando a um aumento acentuado e prolongado da temperatura média global, com



consequências graves para o meio ambiente e para a sociedade (REPAM, 2024).

O Papa Francisco recorda, ainda, que toda a questão climática impacta diretamente sobre a dignidade humana, uma vez que milhares de pessoas mundo afora sofrem os efeitos das mudanças climáticas e outras tantas são desterradas e rumam em busca de um lugar melhor para si e suas famílias em decorrência das mudanças do clima. “As alterações climáticas são um dos principais desafios que a sociedade e a comunidade global têm de enfrentar. Os efeitos das alterações climáticas recaem, sobretudo, sobre as pessoas mais vulneráveis, tanto a nível nacional como mundial” (*Laudate Deum*, n. 3).

PAPA FRANCISCO E A VISÃO SISTÊMICA

Há diferentes formas de entender a relação do ser humano com a natureza, desde uma visão romântica e ingênua das questões, até a crítica ao modelo de produção, que polui, degrada, exclui as pessoas e considera a natureza simplesmente como “recursos infinitos”.

O magistério do Papa Francisco não se resume às questões eclesiais. Sua visão de mundo o faz considerar as questões econômicas (como no movimento da Economia de Francisco e Clara) e o Pacto Educativo Global. Nos Princípios da Economia



de Francisco e Clara, lê-se o seguinte: “Cremos em uma Ecologia Integral, que reconheça as relações humanas, sociais, ambientais, políticas e econômicas, que esteja respaldada nos valores franciscanos e clarianos, que garantam a vida em sua dignidade, e que não seja nociva aos demais seres, que parta do fundamento de que tudo aquilo que existe e vive deve ser respeitado” (ABEFC).

Na mesma esteira, o Pacto Educativo Global prevê “renovar a economia e a política e o cuidado da Casa Comum”. A economia, a política, o crescimento e o progresso são aspectos que fazem parte de um modo de vida, da cultura do povo em que a educação busca formar homens e mulheres protagonistas do bem comum. A educação deve ajudar a viver o respeito, deve ensinar “o amor capaz de aceitar todas as diferenças, a prioridade da dignidade de cada ser humano em relação a qualquer uma de suas ideias, sentimentos e práticas” (Vade-Mécum do Pacto Educativo Global, p. 15).

O Pacto Educativo Global insiste na visão sistêmica da realidade. “Não se trata apenas de uma crise ambiental, financeira, política, social: é uma crise sem adjetivação, porque é uma crise interna, que se projeta externamente em todas as dimensões do ser humano, na relação com os outros, com a sociedade, com as coisas, com o meio ambiente.



[...] A resposta está na necessidade de investir os talentos de todos, pois toda mudança precisa de um caminho educativo para amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora” (*Vade Mecum* do Pacto Educativo Global, p. 16).

Papa Francisco denomina o estágio atual de “Paradigma Tecnocrático” (*Laudato si’*, n. 106-114), no qual todas as questões da vida são entendidas a partir da técnica, e essa de modo ilimitado e como única voz a ser ouvida. A técnica exerce sua influência também “sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano” (*Laudato si’*, n. 109). Para Francisco, “deveria haver um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (*Laudato si’*, n. 111), como em muitas comunidades que adotam práticas menos poluentes, técnicas que priorizam a dignidade humana e a contemplação do belo, que resgatam o sentido autêntico da humanidade (cf. *Laudato si’*, n. 112). Em sua primeira Exortação Apostólica, Francisco já alertava: “O dinheiro deve servir, e não governar!” (*Evangelii Gaudium*, n. 53)



EDUCAR PARA A ECOLOGIA INTEGRAL

“Há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos numa ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assentado na compaixão” (Laudato si’, n. 210).

A nós, educadores, cabe a responsabilidade não só de refletirmos e termos bons propósitos, mas também de educar para a Ecologia Integral, de modo a transmitirmos os valores nos quais acreditamos. Pedagogicamente, sabemos da gradualidade com a qual a Ecologia Integral pode e deve ser assumida por nossos alunos e alunas, bem como por toda a comunidade escolar. Uma abordagem é a do ensino fundamental, outra é a do ensino médio, e outra, ainda é, a dos colaboradores e do corpo docente.

O mundo urbano nos aliena, nos distancia da natureza primeira. Já não sabemos de onde vêm o leite, as frutas, como é a textura das folhas caídas nas florestas. Nem sempre esse distanciamento é por culpa das pessoas, mas uma educação ambiental há de passar pelos sentidos: é preciso tocar, sentir o cheiro e o sabor, ver a realidade como é, ouvir os sons da natureza. Afinal, qual foi a última vez que você cheirou uma rosa, pisou na grama, comeu uma fruta no pé, contemplou o luar? Pro-



piciar experiências junto à natureza primeira será fundamental para sanar a ruptura que se formou entre o ser humano e o ambiente. “A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade? Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor” (*Laudato si'*, n. 225).

A esse respeito, Francisco chama a atenção para uma educação estética unida à preservação de um ambiente sadio. “Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Quando não se aprende a parar a fim de admirar e apreciar o que é belo, não surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos” (*Laudato si'*, n. 215). “A beleza é sempre e inseparavelmente imbuída da bondade e da verdade. Portanto, contemplar a beleza suscita no ser humano sentimentos de alegria, prazer, ternura, plenitude, significado, abrindo-o ao transcendente” (Diretório para a Catequese, n. 109). Um detalhe curioso é que a palavra “beleza” aparece 32 vezes na encíclica *Laudato si'*.

No dizer do Papa Francisco, “o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério



gozoso que, contemplamos na alegria e no louvor” (*Laudato si'*, n.12).

A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, evitar o desperdício, otimizar os meios de transporte, plantar árvores e apagar as luzes desnecessárias (*Laudato si'*, n. 211). “A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com o pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos” (*Laudato si'*, n. 222).

A raiz bíblica nos ensina a importância do *Shabbath* não só como um dia de descanso, por vezes mal interpretado, mas como espaço de pausa, de contemplação, de não ser escravo das atividades. Na lógica do “tempo é dinheiro” não se pode parar (mesmo nas férias ou em casa, é importante estar sempre trabalhando!). “Além disso, de sete em sete anos, instaurou-se também um ano sabático para Israel e a sua terra (cf. Lv 25, 1-4), durante o qual se dava descanso completo à terra, não se semeava e só se colhia o indispensável para sobreviver e oferecer hospitalidade (cf. Lv 25, 4-6).



[...] O desenvolvimento desta legislação procurou assegurar o equilíbrio e a *equidade* nas relações do ser humano com os outros e com a terra onde vivia e trabalhava" (*Laudato si'*, n. 71). O *Shabbath* é também um convite à solidariedade, pois "aqueles que cultivavam e guardavam o território deviam partilhar os seus frutos, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros" (*Laudato si'*, n. 71).

Nos países que deveriam realizar as maiores mudanças nos hábitos de consumo, os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação doutros hábitos. Por isso, estamos perante um desafio educativo (*Laudato si'*, n. 209).

Entre tantas outras questões que nos afetam estão os efeitos na saúde mental, que atingem a todos, em diferentes idades e classes sociais. Em nossos dias, a Ecologia Integral não pode desconsiderar o sofrimento humano. No caso dos adolescentes, um estudo conduzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, aponta que cerca de um em cada sete adolescentes sofre de alguma doença mental, principalmente ansiedade e depressão.



Somam-se ainda altas taxas de abuso de álcool e drogas, distúrbios alimentares, problemas de comportamento e ideação suicida (Cupani, 2024). O fato de estarem em contato demasiado com as telas em detrimento de um “brincar livre” reduziu suas interações sociais corporificadas e essenciais para o bom desenvolvimento humano. (Haidt, 2024, p. 15).

Mas, afinal, como está a saúde das pessoas que convivem e trabalham conosco? Que medidas nossas instituições podem adotar a este respeito? Como estão nossas relações? Acolhemos as pessoas que convivem conosco em sua dignidade e beleza?

A Ecologia Integral deverá ser, ainda, uma reação ao consumismo, bem como às relações excludentes e preconceituosas. Ao contrário, criará ambientes acolhedores, inclusivos, onde todas as pessoas se sintam integradas. Será tarefa educativa fazer do ambiente escolar aquilo que queremos ver no mundo: experiências integradoras, humanizadoras, que convocam ao cuidado e à maior amplitude dos horizontes.

A valorização das pluralidades, em que todos se sintam devidamente integrados e respeitados em seus direitos é um dos grandes desafios e acenos de uma ecologia que se queira integral, daí o valor de certa “mestiçagem”, que aponta para uma



simbiosofia: a sabedoria de viver juntos (Morin, 2011, p. 67).

“A unidade, a mestiçagem e a diversidade devem desenvolver-se contra a homogeneização e o fechamento. A mestiçagem não é apenas a criação de novas diversidades por meio do encontro; torna-se, no processo planetário, produto e produtor de religação e de unidade. Introduce a complexidade no âmago da identidade mestiça (cultural ou racial). [...] O duplo imperativo antropológico impõe-se: salvar a unidade humana e salvar a diversidade humana. Desenvolver nossas identidades a um só tempo concêntricas e plurais: a de nossa etnia, a de nossa pátria, a de nossa comunidade de civilização, enfim, a de cidadãos terrestres” (Morin, 2011, p. 68).

Por fim, Edgar Morin lança o convite ao ambiente educativo: “Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade, nesta era planetária, deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiserção recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária (Morin, 2011, p. 68).



ECOLOGIA INTEGRAL, UM CONVITE ÀS ESCOLAS CATÓLICAS

As Escolas Católicas têm um papel crucial em relação à Ecologia Integral. O Texto-Base da CF-2025 assim apresenta: “A Escola Católica é um espaço comunitário singular para despertar a sensibilidade e formar hábitos sustentáveis nas futuras gerações. Na perspectiva da Ecologia Integral, as diferentes áreas de conhecimento estabelecem um diálogo frutuoso com a fé cristã. [...] A Igreja no Brasil conta com o apoio das comunidades religiosas e das instituições educativas católicas (escolas e universidades) para que incluam na sua programação atividades educativas e pastorais acerca da Campanha da Fraternidade, fazendo-as ecoar no decorrer do ano” (Texto-Base da CF-2025, n. 158).

Boa parte de nossos alunos e nossas alunas pertence a famílias com maior poder aquisitivo e ocuparão posições de liderança no futuro. Em conjunto com esses estudantes, estão os alunos e as alunas inseridas nos projetos da assistência social via filantropia. A partir da Ecologia Integral, é preciso nos perguntar: que visão de mundo, que responsabilidade social nossos alunos e alunas aprendem conosco? Que exemplos damos?

Quanto aos estudantes empobrecidos, cabe a tarefa de incluí-los, de garantir-lhes acesso e possi-



bilidade de mostrarem seus talentos e capacidades. A educação ambiental, que inicialmente estava centrada na informação científica, na consciencialização e na prevenção dos riscos ambientais, agora é chamada a incluir as reflexões do ser humano consigo mesmo, a solidariedade, a convivência com todos os seres vivos, bem como a relação com o Senhor Deus.

Talvez seja bom recordar uma distinção fundamental entre o ser cristão e o ser católico. Por “católico” entendemos adesão às práticas religiosas ligadas ao catolicismo, as devoções, a frequência aos sacramentos, a comunhão com a Igreja Universal e Particular. “Cristão”, por sua vez, indica adesão à vida e à missão de Jesus Cristo, tomar para si o modo de ser de Jesus, suas opções e consequências. O objetivo das práticas católicas deve nos levar a uma melhor adesão à pessoa e ao projeto de Jesus, mas sabemos que nem sempre é assim, infelizmente!

No caso de uma escola católica, essa deve ser, antes de tudo, uma escola cristã, baseada no modo de Jesus, que nos ensina, como diz a canção, a “amar como Jesus amou, sonhar como Jesus sonhou, pensar como Jesus pensou, viver como Jesus viveu”. Isso não quer dizer que devemos nos restringir aos católicos ou aos cristãos, pois, como bem sabemos, a escola é um bom lugar para o cultivo



da amizade social com outras tradições religiosas e com os sem religião. Ecologia Integral é um convite ao diálogo, ao respeito e ao acolhimento de todas as pessoas. “Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria” (*Laudato si'*, n. 63).

Como se vê, tudo isso se constitui como uma tarefa educativa, voltada não só para os alunos e as alunas, mas a todo o corpo docente, aos colaboradores e a toda a comunidade ao redor. Não se trata somente de dominar conceitos e de fazer belos projetos, mas, antes de tudo, de implementá-los de forma concreta.

Em muitas de nossas instituições educativas, há também ações de catequese de iniciação cristã. A esse respeito, o Diretório para a Catequese relembra: “A catequese sabe reconhecer nestes sinais a voz de Deus e, por este motivo, [...] não faltará



à sua tarefa de motivar e apoiar entre os crentes uma mentalidade e uma espiritualidade ecológicas. [...] Uma catequese sensível à salvaguarda da criação promove uma cultura da atenção tanto ao ambiente como às pessoas que o habitam. Isso significa: favorecer uma atitude de respeito para com todos; ensinar uma correta concepção do ambiente e da responsabilidade das pessoas; educar para uma vida virtuosa, capaz de assumir estilos de vida humildes e sóbrios, livres do consumismo [...]. Trata-se, portanto, de favorecer a aquisição de uma atitude e de consequentes comportamentos atentos à Ecologia Integral, que compreende as diversas facetas da proposta formativa da doutrina social da Igreja: ecologia ambiental, econômica, social e política; ecologia cultural; ecologia da vida quotidiana” (Diretório para a Catequese, n. 383).

E o Papa nos faz um alerta: “existem algumas escolas católicas que parecem organizadas apenas para conservar a situação presente. A fobia da mudança torna-as incapazes de suportar a incerteza, impelindo-as a retrair-se perante os perigos, reais ou imaginários, que toda mudança acarreta consigo. A escola transformada num ‘*bunker*’, que protege dos erros ‘de fora’: tal é a caricatura desta tendência” (*Christus Vivit*, n. 221). Pelo contrário: será sempre necessária uma escola que dialogue, que se integre com a



realidade concreta, com as grandes questões da sociedade, não como um inimigo a ser vencido, mas como um aprendizado mútuo a ser iniciado.

Vejamos novamente o Texto-Base da CF-2025: “As escolas e universidades católicas, que possuem áreas verdes em suas dependências, poderiam organizar levantamentos da biodiversidade e realizar atividades de educação ambiental com professores e alunos, dada a importância dessas áreas para o microclima local, para o sequestro de carbono, a relação com a fauna e outros serviços ambientais” (Texto-Base da CF-2025, n. 159).

E conclui o Papa Francisco: “A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (*Laudato si'*, n. 215).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quem afirme que o Cristianismo, apesar de sua rica revelação bíblica e de figuras como Francisco de Assis, é historicamente pouco sensível à questão ecológica. Isso se deve ao fato de que, apesar da crise ecológica ser uma causa evangélica, os cristãos não foram pioneiros na defesa do meio ambiente. No entanto, a partir do pontificado de João XXIII, a Igreja começou a abordar a ecologia de forma mais intensa, com o magistério social



oferecendo orientações e ações em diálogo com as ciências naturais. Desde João Paulo II, a Igreja tem alertado para a importância da preservação não apenas o ambiente natural, mas da ecologia humana e social (cf. *Centesimus Annus*, n. 38). Dessa forma, a Igreja tem promovido uma Ecologia Integral, essencial para proteger a “casa comum” e garantir uma vida digna, especialmente para os mais pobres (cf. Brighenti, 2016, p. 63).

A Ecologia Integral, por sua vez, nos traz uma grande oportunidade de vivenciarmos uma vida nova, pois nos coloca em sintonia e conexão com os sinais da ressurreição: os dons da natureza, a beleza das culturas, a conquista da justiça social, o esforço pelo bem comum e a paz tão desejada que começa dentro de cada um, no encontro com o Cristo.

Para o ambiente educativo, é uma bela oportunidade de ver na escola aquilo que sonhamos para o mundo: o acolhimento das diferenças, o sentido da solidariedade, o cuidado com o ambiente e uma decisão por um estilo de vida condizente com a vida na Terra. Por isso, o tema da Ecologia Integral não pode ser restrito a uma única área do conhecimento, mas, antes, deverá fazer parte de uma abordagem interdisciplinar e com os diferentes atores no ambiente escolar e da sociedade como um todo.



“A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro” (Morin, 2011, p. 91).

Na Exortação Querida Amazônia, Francisco alerta: “Uma Ecologia Integral não se dá por satisfeita com ajustar questões técnicas ou com decisões políticas, jurídicas e sociais. A grande ecologia sempre inclui um aspecto educativo, que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos. [...] Não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno (Querida Amazônia, n. 58).

Em 2025, a Igreja Católica está celebrando o Jubileu da Esperança. Uma visão apocalíptica, catastrófica da realidade, que não suscite esperança, será incapaz de empenhar as pessoas pelo cuidado e pela conversão ecológica. Ao contrário: o que nos motiva, o que nos faz educadores é justamente a esperança. Não nos desleixemos de contemplar a beleza da criação e de cuidar da nossa casa co-



mum. Com efeito, um número cada vez maior de pessoas, incluindo muitos jovens e adolescentes, reconhece que o cuidado da criação é expressão essencial da fé em Deus e da obediência à sua vontade (cf. Francisco, 2022).

Para a espiritualidade cristã, “no fim, vamos nos encontrar face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1 Cor 13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos caminhando para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu” (*Laudato si'*, n. 243).

Em 2025, celebramos os 800 anos do Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis. Aos 44 anos de idade, esse homem enfermo, praticamente cego, não sabe se dirigir a Deus senão para louvá-lo pela beleza das criaturas. Não se põe acima das demais, mas as vê como irmãs. Em suas últimas estrofes, após ter nomeado as criaturas, o Pobre de Assis menciona o ser humano, sobretudo aqueles que perdoam por teu amor e os que sustentam a paz. Sua lição permanece atual.

Na escola do cuidado, da integração, talvez estejamos nos anos iniciais da alfabetização, mas já estamos matriculados. As aulas já começaram. Não temos tempo a perder!



REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA (ABEFC). *Princípios para se viver a economia de Francisco e Clara*. Disponível em: <https://economydefranciscoeclara.com.br/materiais/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

CERVI, Jacson Roberto; HAHN, Noli Bernardo. O Cuidado e a Ecologia Integral, *Direitos Culturais*, 2017, Santo Ângelo, v. 12, n. 27, p. 149-172.

CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. *Vade-mécum do Pacto Educativo Global*. Disponível em <https://pactoeducativoglobal.fundacion-sm.org/pt-br/itinerario-materiais-peg/vade-mecum>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CUPANI, Gabriela. Um em cada sete adolescentes tem problemas de saúde mental, aponta OMS. *Revista Crescer*. Disponível em: crescer.globo.com/pre-adolescentes/saude/noticia/2024/12/um-em-cada-sete-adolescentes-tem-problemas-de-saude-mental-aponta-oms.ghtml. Acesso em: 26 dez. 2024.

FRANCISCO. *Bula de convocação para o Jubileu de 2025*. Disponível em: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/lettera-di-papa-francesco.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 16 jan. 2025.



FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a amizade social. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Laudate Deum*: sobre a crise climática. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

HAIDT, Jonathan. *A geração ansiosa*: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus Annus no centenário da Rerum Novarum*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. Cortez, 2022.



MURAD, Afonso. *Janelas Abertas*. Paulinas, 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. Paulus, 2020.

REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA, *ABC das COPs*: tudo sobre a conferência do Clima da ONU e a relevância da COP30 na Amazônia. REPAM, 2024.

SANDEN, Cecilia von. Uma perspectiva da educação em Ecologia Social. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1992, v. 52, fasc. 205, p. 75-83.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL). *Ensinando e Aprendendo Ecologia*. Disponível em <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/e834>. Acesso em: 16 jan. 2025.



Autor: Frei Oton da Silva Araújo Júnior, OFM
Revisão: Caio Gutemberg da Silva Petronilho
Projeto Gráfico e Diagramação: Míriam Carla Alves
Catalogação: Fabiana Lugão Paiva Mendonça
Coordenador Gráfico: Denilson Fonseca de Souza



ISBN: 978-65-999256-8-9



CDL

9 786599 925689